

## **AÇOS : GGD Metals de olho em investimento no Nordeste**

*Empresa prevê nova unidade na região, que vem crescendo e apresentando oportunidades*

DIÁRIO DO NORDESTE - A distribuidora de aços e metais GGD Metals implantará uma sede no Nordeste a partir de 2011. Em recente viagem à região, representantes da empresa estudaram o desenvolvimento e possibilidades de negócios. Na Bahia, o grupo esteve com o Superintendente de Desenvolvimento do Estado, na Secretaria do Desenvolvimento Econômico e na Federação das Indústrias do Estado da Bahia para tratar sobre a futura instalação de uma unidade da GGD Metals no Nordeste. No fim de novembro, a empresa viajou para Pernambuco, quando visitou clientes locais e avaliou a logística do estado.

As intenções da GGD em ampliar para o Nordeste vêm de longa data, desde os primeiros anúncios do forte desenvolvimento naval prometido para a região. Os principais clientes da GGD Metals no Nordeste são do setor da indústria de linha branca, indústria naval, automobilística, transformação de plástico e moldes. "Com a visita, ficamos muito entusiasmados com o nível de organização e tamanho das indústrias", diz André Dias, Diretor Geral de GGD Metals.

**FORMAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA:** Preocupada com a qualificação da mão de obra local, a GGD Metals esteve com representantes do Cimatec (Centro Integrado de Manufatura e Tecnologia) do Senai de Salvador, conhecendo os cursos profissionalizantes. "Ficamos muito animados. Não temos interesse em emigrar com mão-de-obra. Queremos investir no trabalhador local", afirma Dias.

"Os planos são de patrocinar ou implementar projetos de cursos específicos oferecidos por nossos profissionais na região para formação técnica especializada".

**Energia: Em dezembro, companhia inaugurou sua fábrica de capacitores, a primeira dela no mundo**

## **Siemens do Brasil vai ampliar fábrica de transformadores**

VALOR ECONÔMICO (04.01) - A fábrica de transformadores do complexo industrial da Siemens do Brasil em Jundiaí, interior de São Paulo, vai ganhar uma ampliação de 20% na sua capacidade de produção e terá uma área de 2.500 metros quadrados a mais este ano. O projeto integra o orçamento estimado entre US\$ 150 milhões e US\$ 200 milhões de investimentos no Brasil em 2010. Parte desse orçamento também prevê a construção de uma fábrica de turbinas eólicas, mas esse investimento só será definido depois de fechados os contratos com os vencedores do leilão realizado em dezembro.

Com isso, a empresa alemã reforça seus investimentos no setor de energia no Brasil, área que não foi barrada nem mesmo com a crise financeira internacional. A companhia decidiu no início do ano passado, por exemplo, manter a construção de sua primeira fábrica de capacitores no mundo, erguida também em Jundiaí, e começou a operar em dezembro, já com toda a produção de 2010 vendida.

Os capacitores são usados em linhas de transmissão de longas distâncias para aliviar a tensão nos momentos em que se consome menos energia. Os investimentos nessa fábrica vieram na esteira da expectativa de crescimento dos investimentos em linhas de transmissão desse porte no país, que devem ser realizados após concretizadas as licitações de grandes usinas hidrelétricas. A Siemens não vai fornecer esse tipo de equipamento para os linhões do Madeira, que vão ligar as usinas de Santo Antônio e Jirau ao Sudeste. Mas projetos como os de Tapajós e Teles Pires e outros empreendimentos no Norte influenciaram a decisão dos investimentos. "Nos próximos 20 anos o mercado interno terá grande expansão", diz Newton Duarte, diretor de energia da empresa.

A maior parte da produção de capacitores dessa fábrica será num primeiro momento exportada, e servirá para suprir os próprios projetos que a Siemens já tem em outros países. A empresa deixa de adquirir capacitores de fornecedores e passa a suprir projetos de linhas de transmissão e subestações no Brasil.

Quando a Siemens decidiu manter os investimentos na fábrica de capacitores, o dólar vivia na época uma valorização frente a moeda brasileira em função da crise. Cenário que se inverteu completamente no fim do ano passado. Enquanto em 2008 o dólar fechou com uma valorização de 34%, encerrou 2009 cotado a R\$ 1,74, com queda de 25% frente a moeda brasileira. Duarte diz que essa queda fez os projetos brasileiros perderem competitividade, já que as exportações são registradas em dólar. Mas ele acredita que o câmbio encontrará um equilíbrio na casa dos R\$ 2 por dólar.

Mas não é só a fábrica de capacitores que sofre com a desvalorização da moeda americana. Os próprios transformadores fabricados pela Siemens, que terão sua capacidade de produção ampliada em 20%, também são em grande parte exportados. Da pauta de exportações brasileiras de transformadores de cerca de R\$ 400 milhões, metade é de produtos Siemens.

Com o projeto da ampliação da fábrica de transformadores, a empresa vai passar a produzir no Brasil equipamentos de até 800 kV, que devem atender principalmente a demanda industrial. Metade da produção entretanto será exportada, como a empresa já faz com os transformadores de 230 kV.

Para 2010 também é grande a expectativa da empresa com a fabricação de turbinas eólicas. Em dezembro, o governo federal realizou o primeiro leilão de energia eólica e nos próximos 24 meses quase 2.000 megawatts (MW) serão instalados e vão requerer cerca de mil aerogeradores e investimentos estimados entre R\$ 7 bilhões e R\$ 9 bilhões. "Nosso investimento vai depender dos contratos que fecharmos", diz Duarte.

**Gás: Indústria Brasileira de Vasilhame recebeu R\$ 30 milhões de investimentos e vai produzir 400 mil unidades por ano**

## Zahran investe em fábrica de botijões

Julio Bittencourt/Valor



*Ueze, presidente do grupo Zahran, estima em R\$ 3 bilhões o potencial do mercado de botijões novos devido ao grande déficit do produto no Brasil: "Isso sem contar o segmento de reposição"*

VALOR ECONÔMICO - O grupo Zahran, que é dono da distribuidora de gás de cozinha Copagaz, investiu R\$ 30 milhões em uma fábrica de botijões para atender a demanda de sua própria distribuidora, que ainda precisa requalificar 900 mil botijões dos sete milhões que possui hoje em circulação. A nova empresa do grupo é a Indústria Brasileira de Vasilhame (Ibrava) e, de acordo com o presidente do grupo Ueze Zahran, o próximo passo é buscar clientes em todo o mercado.

Com a instalação da fábrica, o grupo passa a operar em toda a cadeia de produção de gás liquefeito de petróleo (GLP, o chamado gás de cozinha), já que engarrafa e distribui por meio da Copagaz e requalifica os vasilhames por meio da NHL. A nova fábrica foi inaugurada em dezembro, no município de Monte Mor, próximo a Campinas, no interior de São Paulo, e a expectativa é de que no primeiro ano produza cerca de 400 mil unidades.

Na avaliação da empresa, existe hoje um déficit de cerca de 32 botijões no país. Isso acontece porque o Brasil possui apenas 100 milhões de botijões em circulação, mas para garantir o abastecimento do consumidor o cálculo é de que para cada residência abastecida outros quatro precisam estar de reserva. Esse déficit geraria um mercado potencial de R\$ 3 bilhões, sem contar o mercado de reposição.

A Copagaz é hoje a principal empresa do grupo e a decisão de construir a fábrica de botijões foi tomada em função do gasto elevado com o programa de requalificação de vasilhames e ainda em função da segurança na reposição daqueles sucateados. De acordo com Zahran o Brasil possui 100 milhões de botijões que devem ser testados a cada dez anos e o índice dos que são sucateados depois disso é de 8% a 9%. "A questão de segurança no transporte de botijões com gás é muito séria e tem um alto custo", afirma Zahran. "Se um caminhão desse sofre um acidente, atinge um raio de 200 metros ao seu redor", completa.